

# "RELAÇÕES SUJEITO-OBJETO NA PESQUISA ANTROPOLÓGICA" - SEMINÁRIO TEMÁTICO E EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

**Maria Denise Fajardo Pereira**

Pensar o "outro" é, por excelência, tarefa da antropologia. Constituída no século passado enquanto disciplina, tem se dedicado às mais diversas formas de pensamento e vida social que o homem foi capaz de criar e que, longe de surgirem e desaparecerem no nada, foram significativamente influenciadas pela cultura ocidental. Tão incorporadas a ela que se tornou impossível conhecê-la sem também dedicar-se ao estudo dos outros gêneros de vida e de pensamento que se espalham pelo mundo.

Ao longo de sua trajetória de análise dessas realidades sociais e culturais, os antropólogos têm adotado distintas perspectivas em relação a sua posição enquanto sujeitos do conhecimento e à dos objetos analisados, bem como em relação aos métodos de investigação mais adequados.

Mas quando a antropologia decide remontar sua própria história, sai em busca da compreensão de si mesma, tal como costuma fazer com seus objetos de estudo. Por meio desse processo de "auto-estranhamento", o próprio sujeito da análise, ou seja, o antropólogo, transforma-se em objeto. O contexto estudado passa a ser o dos modos de viver, de pensar e de conhecer o "outro" que constituem uma determinada "cultura intelectual".

Nessa perspectiva, podemos situar dois eventos importantes realizados no segundo semestre do ano de 1991, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP. Trata-se do seminário "Relações Sujeito-Objeto na Pesquisa Antropológica" e da exposição fotográfica "Nos Bastidores da Pesquisa de Campo".

O seminário ocorreu entre os dias 10

e 12 de setembro. Nas quatro sessões realizadas, as diversas áreas da antropologia foram abordadas sob o ponto de vista das relações entre pesquisador e pesquisado. Relações éticas, morais e políticas que colocam ambos diante de situações não raramente complexas, delicadas e, por vezes, até mesmo antagônicas, estabelecidas no decorrer do trabalho de campo, e que influenciam significativamente nos resultados das pesquisas. (Ver box)

Também voltada para a temática das relações sujeito-objeto na pesquisa de campo, a referida exposição fotográfica foi inaugurada no dia 10 de setembro, com um total de 112 fotos organizadas em 37 painéis de acrílico, dando assim, um tratamento visual àquilo que comumente fica confinado aos arquivos pessoais e às lembranças do próprio pesquisador. Afinal, desde que os antropólogos deixaram de trabalhar apenas em seus gabinetes para se dedicarem à pesquisa etnográfica detalhada dos mais diversos grupos sociais, muito conhecimento já foi produzido às custas da sua presença em campo. Essa presença, porém, até bem pouco tempo, dificilmente se fazia notar nos textos etnográficos. O tempo, o esforço e as condições de trabalho permaneciam nos bastidores, enquanto no palco, entrava em cena o "antropólogo cientista", depurado das dificuldades vividas em campo e das muitas vezes conflitantes relações estabelecidas com o grupo estudado; supostamente livre, portanto, de dúvidas ou limitações quanto a sua capacidade de compreender o "outro".

Tendo como fio condutor o questionamento do modo como as condições em que as pesquisas foram realizadas

influenciam no resultado final das monografias antropológicas, a exposição pôs em foco, ao lado de materiais atuais, registros dos trabalhos de campo de pesquisadores que fizeram parte de momentos importantes da antropologia no Brasil. As fotos não retratam apenas os contextos específicos das pesquisas, foram reproduzidas também situações em que os antropólogos reúnem-se em suas comunidades acadêmicas ou participam de grupos religiosos, políticos e sociais de modo ativo, ilustrando assim, o quanto as fronteiras entre pesquisador e pesquisado muitas vezes são dúbias, fluidas, e colocando em questão o suposto poder que teriam os antropólogos de realizarem suas pesquisas por uma via de mão única. Logo no painel de abertura chama-se atenção para o fato de que *"Na verdade, esse poder se exerce em todas as direções. Se o antropólogo se apropria do pesquisado tornando-o seu objeto de reflexão, o objeto também se apropria do antropólogo obrigando-o a operar no interior de sua própria lógica."*

O roteiro da exposição não segue um recorte temporal, mas sim, temático. Percorrendo seus caminhos, transitamos, do início ao fim, pelas diversas facetas que pode assumir a relação sujeito-objeto, conforme a distância, proximidade ou familiaridade existente entre pesquisador e pesquisado. Assim, em lugares cultural e espacialmente distantes, nos defrontamos com a necessidade de criar laços antes inexistentes. Mostrando exatamente antropólogos em situação desse tipo, a exposição abre com o tema da empatia, ressaltando a importância que assumem as ligações afetivas para que se chegue à compreensão do "outro". Os diferentes modos pelos quais nos tornarmos familiares são retratados em vários painéis, e vão desde o olhar empático, passando pela participação em rituais e no cotidiano dos pesquisados até situações em que não somos nós, mas uma criança ou um acontecimento inusitado que terminam mediando o estabelecimento de uma maior proximidade com pessoas antes tão estranhas.

Mas a distância não é regra na pesquisa antropológica, muitas vezes o

antropólogo faz parte do grupo que pesquisa ou então decide atuar concretamente em favor dele. Afinal, a academia é apenas um dos meios onde circula, fora dela convive com outros grupos, toma decisões políticas e assume compromissos. É justamente quando a condição de antropólogo fundamenta as posições tomadas diante de determinados grupos que aquelas fronteiras antes tão bem delimitadas se esvaem e o pesquisador se torna ao mesmo tempo sujeito e objeto da própria pesquisa ou então, ator importante na interlocução com outros grupos. Ilustram essa temática uma série de fotos em que os antropólogos aparecem lado a lado com seus objetos, algumas vezes se confundindo com eles, outras como intermediadores em momentos políticos chave para os grupos estudados. Assim, lemos num dos painéis desta série: *"Em 1978 os antropólogos, ao lado de outros intelectuais, denunciam o projeto oficial de falsa emancipação das comunidades indígenas. Começam a surgir nesse momento as primeiras entidades de apoio aos índios. Desde então, a atuação indigenista passou a figurar, para muitos de nós, como o caminho indispensável para a reflexão antropológica."*

A exposição também enfoca os diversos meios que os antropólogos se utilizam para chegar em campo. Perto ou longe, muitas vezes as "idas a campo" se transformam em verdadeiras peripécias que *"muito contribuíram para dar ao antropólogo a aura da aventura"*.

Uma vez em campo, quer apreender a realidade com a qual se defronta. Para tanto, abre mão de instrumentos que lhe permitam registrar os dados com toda precisão que for possível: desde o tradicional caderno de campo, os manuais instrumentos de medição, passando pela máquina fotográfica, gravador e, hoje em dia, cada vez mais frequentemente, o vídeo. Para dar maior concretude a essa temática, além de fotos com antropólogos utilizando seus equipamentos de pesquisa, foram expostos em vitrines, alguns cadernos de campo e fichários. Mas, tanto os painéis, quanto as vitrines dedicados a essa temática chamaram a atenção, não para a maior ou

menor precisão dos recursos, mas para o fato de que eles interferem na relação do pesquisador com o grupo estudado e na construção das imagens que uns e outros farão de si. Além disso, se por um lado, tais recursos são indispensáveis para que possamos dar materialidade aos fatos observados, é preciso não esquecer que na fotografia, nas entrevistas ou diante da câmera de vídeo as pessoas decidem o modo como querem ser vistas, podendo muitas vezes não concordar com a imagem que fazemos delas, ou então assumi-la como sua própria imagem. É preciso, portanto, saber evitar *"a ilusão de que estamos olhando para o mundo diretamente e vendo os outros como eles verdadeiramente são."*

Trabalhos de antropólogos que se dedicam às religiões afro-brasileiras ilustram três painéis onde são enfocadas situações em que temáticas comuns às demais áreas da pesquisa antropológica se singularizam adquirindo conotações específicas, conforme as características deste campo de estudos. Assim, temas como o poder do texto etnográfico sobre a população pesquisada, a influência dos valores acadêmicos do pesquisador sobre o mundo não acadêmico, bem como as diferentes formas de inserção do pesquisador na rede de sociabilidade do grupo estudado são abordados a partir de fotos de alguns antropólogos em campo e de dois eventos fotografados especialmente para exposição. Trata-se da confirmação para o cargo de Ogã do sociólogo Reginaldo Prandi no terreiro Ilê Axé Ossain Darê e do lançamento de seu livro "Os Candomblés de São Paulo", onde se fizeram presentes pais-de-santo, diversos intelectuais e adeptos do candomblé. Com o material fotográfico recolhido nessas duas ocasiões procurou-se

ênfatar as diversas facetas da relação sujeito-objeto nas pesquisas sobre religiões afro-brasileiras e a importância dada pelo "povo-de-santo" ao estabelecimento de laços estreitos com intelectuais, principalmente com cientistas sociais, na medida em que isso representa uma importante fonte de prestígio para seus terreiros.

De volta ao "lar", o antropólogo não carrega consigo apenas os dados que comporão sua monografia sobre o grupo estudado, traz também, indissociada desse conhecimento, uma bagagem de vivências sociais que inevitavelmente influenciam seu modo de pensar, de agir e de se relacionar no meio acadêmico. Exemplo do modo como as diferentes experiências vividas em campo pelos antropólogos se refletem no tipo de sociabilidade que estabelecem entre si é dado no painel final, cujas fotos retratam momentos da festa de saudação a uma nova colega do Departamento de Antropologia da USP. Nesta cerimônia, foi representado um ritual onde os "chefes" sacralizam a agregação da novata, transpondo e assumindo, desta forma, uma lógica que é própria de muitos dos grupos estudados. Aqui, percebemos o quanto o contato com a diversidade cultural contribui para que os antropólogos criem uma cultura própria, na medida em que as imagens construídas a respeito dessa diversidade servem de parâmetro para a construção de sua própria visão de mundo. Quem concordar com este ponto de vista, certamente assinaria em baixo, ao ler no painel de encerramento a seguinte afirmação: *"No fundo, o encontro etnográfico é um pretexto para a compreensão de nós mesmos."*

**SEMINÁRIO "RELAÇÕES SUJEITO-OBJETO NA PESQUISA ANTROPOLÓGICA"**

**1. SESSÃO: "ÉTICA, MILITÂNCIA E OBJETIVIDADE"**

**Coordenação:** Marina Albuquerque Mendes da Silva (USP)

**Expositores:** Heloisa Pontes (UNICAMP/IDESP)

Profa. Dra. Alba Zaluar (UNICAMP)

Almerina Salles Guerreiro (USP)

Prof. Dr. Luis Mott (UFBA)

**Debatadora:** Profa. Dra. Ruth Cardoso (CEBRAP)

**2. SESSÃO: "CRENÇA E CIÊNCIA"**

**Coordenação:** Prof. Dr. José Guilherme Magnani (USP)

**Expositores:** Carla Gandini (USP)

Vagner Gonçalves da Silva (USP)

Prof. Dr. Luis Eduardo Soares (ISER)

Profa. Dra. Maria Lúcia Montes (USP)

**3. SESSÃO: ANTROPOLOGIA E INDIGENISMO**

**Coordenação:** Luís Donisete Benzi Grupioni (USP)

**Expositores:** Isabelle Vidal Gianini (CEDI)

Prof. Dr. João Pacheco de Oliveira Filho  
(Museu Nacional - RJ)

Profa. Dra. Dominique Gallois (USP)

Rubem Thomaz de Almeida (USP)

Prof. Dr. Roque Laraia (UnB)

**4. SESSÃO: "A REBELIÃO DO OBJETO"**

**Coordenação:** Profa. Dra. Sylvia Caiuby Novaes (USP)

**Expositores:** Mariana Ferreira (USP)

Prof. Dr. Stephen Beines (UnB)

Edward Mac Rae (IMESP)

Prof. Dr. Kabengele Munanga (USP)

Profa. Dra. Mariza Correa (UNICAMP)

**Debatedor:** Prof. Dr. Roberto Cardoso de Oliveira

**EXPOSIÇÃO "NOS BASTIDORES DA PESQUISA DE CAMPO"**

**Coordenação Geral:** Paula Montero

**Organização:** José Guilherme C. Magnani

Luís Donisete Benzi Grupioni

Omar Ribeiro Thomaz

Paula Montero

**Assistente Geral:** Maria Denise Fajardo Pereira

**Pesquisa, Produção, Montagem, Edição de Imagem:**

Luis Donisete Benzi Grupioni  
Maria Denise Fajardo Pereira  
Mariana Vanzolini  
Miguel Pacheco e Chaves  
Omar Ribeiro Thomaz  
Paula Montero

**Texto:** Omar Ribeiro Thomaz  
Paula Montero

**Laboratório:** Miguel Pacheco e Chaves

**Secretária:** Soraya Gebara

**Cartaz:** Tiago Szmresányi

**Promoção:** Programa de Pós-Graduação em Antropologia  
Social - USP

**Apoio:** Departamento de Antropologia - USP / Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - USP / Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UNICAMP / Prefeitura do Município de São Paulo (DPH) / Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

**Colaboração:** Centro Ecumênico de Documentação e Informação / Comissão Pró-Índio de São Paulo / Laboratório de Antropologia (USP) / Núcleo de História Indígena (USP) / Museu de Arqueologia e Etnologia (USP) / Museu do Índio (FUNAI) / Museu de Astronomia e Ciências Afins (CNPq) / Projeto História da Antropologia no Brasil (UNICAMP)